



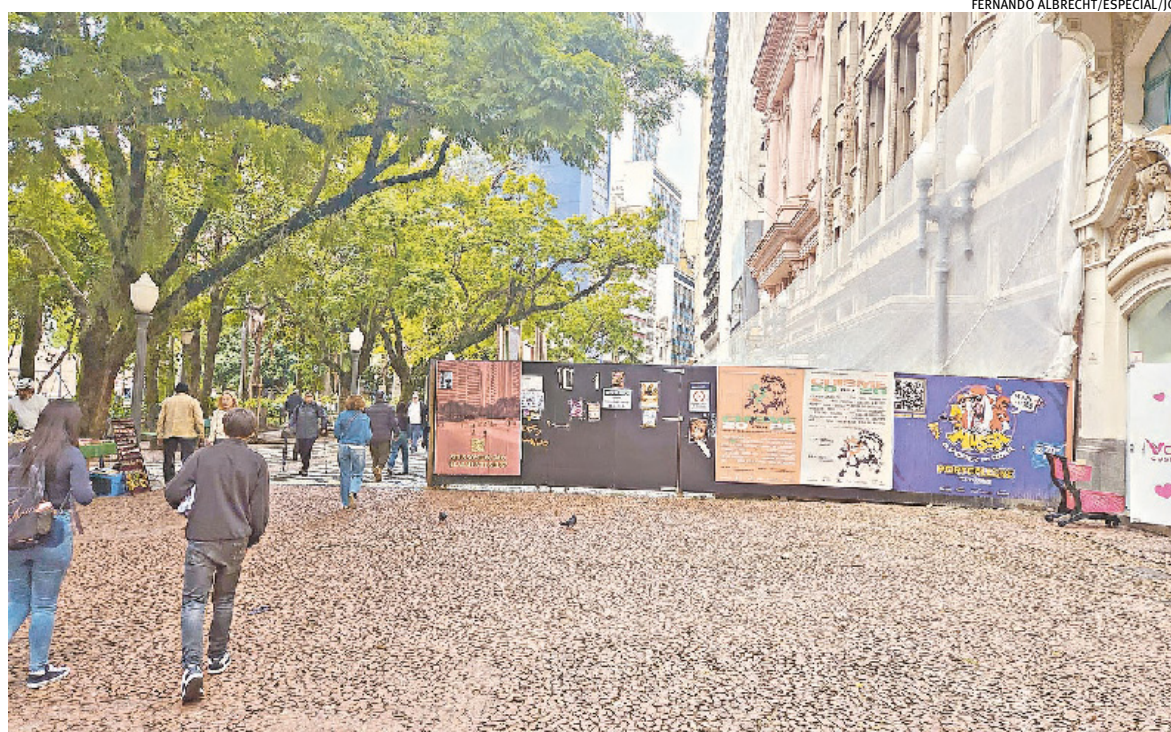
Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br

A reforma do século

Ao longo dos últimos anos, os pedestres de Rua dos Andradas já se conformaram com o paredão que deixa uma margem estreita para passar. A revitalização dos antigos cinemas Imperial e Guarani se arrasta por conta de obstáculos diversos. O tapume deixa entrever que, pelo menos, se observa que há gente trabalhando. Já é um consolo.



FERNANDO ALBRECHT/ESPECIAL/JC

Clima ruim

A possibilidade de uma nova enchente está deixando o porto-alegrense macambúzio. Nota-se um clima de apreensão e nenhum interesse em discutir o assunto.

As águas aprisionadas

O Brasil ocupa a segunda posição mundial em número de piscinas residenciais, atrás apenas dos Estados Unidos, com mais de 3,5 milhões de unidades instaladas, segundo estimativas da Associação Nacional das Empresas e Profissionais de Piscinas. O setor movimenta cerca de R\$ 12 bilhões por ano, empregando aproximadamente 104 mil profissionais. São 84 mil novas piscinas construídas anualmente.

Campanha acirrada

Pela pesquisa Genial/Quaest Juliana Brizola tem 24% das intenções de voto e Luciano Zucco (PL) chega a 22%, o que caracteriza empate técnico. O emedebista Gabriel Souza tem 6%. Mas o número dos que declaram que podem mudar o voto passa dos 60%. Ou seja, tem muita água para passar debaixo dessa ponte.

Esqueceram de mim

O quase esquecido - mas sempre lembrado por quem fez negócios com ele - banqueiro Daniel Vorcaro, desistiu da terceira tentativa de delação premiada e vai partir para uma defesa comum. Dá o que pensar. Ou já saiu tudo que ele poderia dizer ou não há interesse que ele bote a boca no trombone. Como teve relacionamentos perigosos com figuras importantes dos Três Poderes, a segunda hipótese parece ser a correta.

Se Deus quiser

Alguns dos inevitáveis convites para festas temáticas de final de semana no Interior vêm com alerta no meio do texto, “se as águas deixarem passar”.

A cidade não para

As mudanças na paisagem seguem aceleradas em bairros centrais de Porto Alegre, como o Moinhos de Vento. Na rua Tobias da Silva, próximo da Quintino Bocaiuva, mais um casarão foi posto abaixo - o terreno já está cercado por tapumes. Outros imóveis onde novas obras terão início estão localizados na rua Dona Laura, em frente ao clube Caixeiros Viajantes, e nos altos da Quintino, a poucas quadras do IPA.

O poder da poupança

Relator da reforma tributária, o senador Eduardo Braga (MDB-AM) teve seu patrimônio aumentado em R\$ 36 milhões em quatro anos. Na defensiva, Braga explicou o aumento pelo desempenho da sua empresa.

**Mais rendimentos,
mais oportunidades.**
Invista no Sicredi

Poupança Fundos de Investimentos
 Renda Fixa Previdência Privada

Aplique seus recursos e ganhe os mascotes do Investzoo.



Acesse aqui e confira o regulamento



Sicredi | Sicredi Origens RS



HISTORINHA DE SEXTA

Gastronomia por ondas

Até os anos 1960, os pratos mais requintados nasciam na Capital e depois migravam para o Interior. Como alguns levavam ingredientes mais caros ou pouco encontrados, nem sempre essa migração era possível. O campeão em produtos importados era o Armazém Riograndense, ao lado da Lojas Renner. O slogan já dizia tudo: “Se não encontrar no Armazém Rio-Grandense, não precisa mais procurar”. Slogans, jingles e assinaturas musicais eram importantes na época, mais que hoje.

Um dos mais famosos era de um xarope: “Tosse, bronquite e rouquidão, tome xarope São João”. A mania de inverter os finais o transformou em “Tosse, broncão e roquidite, tome xarão São Jope”.

O peru à Califórnia, com frutas, virou moda no início dos anos 1960. Foi também época de beber vinho rosé Georges Aubert. Tintos razoáveis começaram a tomar corpo anos mais tarde, como o Santa Úrsula. Atribui-se a Oswaldo Aranha a frase que diz que vinho gaúcho dava azia até em copo de bicarbonato.

O trivial estrogonofe era considerado prato de luxo. Virou moda quando passou o filme “Miguel Strogoff”, um russo. Aliás, teria sido ele o pai dessa criança. Era caro, e a vingança do povão era dizer que estrogonofe era um picadinho metido a besta. Também fricassé de galinha era comida de luxo. Antes do frango ganhar escala e ter preço acessível, se dizia que pobre quando come galinha, um dos dois está doente - alusão à famigerada canja de hospital. Se não se morre da doença, morre de fraqueza.

O galeto, filho da passarinhada dos gringos, tomou conta dos gaúchos no início da década de 1960. Não me peçam para dar o nome da pioneira, porque certa feita caí na asneira de dizer quem foi e quase fui linchado. Hoje, para não ficar na ponta de uma corda, digo que foi combustão espontânea. Certas opiniões não convêm dizer nesta terra de linchamentos.

Convém salientar que galeto era galeto mesmo. Não frango servido como hoje, tanto que nas galeterias o prato era acompanhado de “al primo canto”. Quando os gringos liquidaram com os passarinhos, o remédio foi apelar para pintinhos crescidos. Por isso, é certo que a primeira galeteria foi obra de alguém com sobrenome italiano.

Camarão sempre foi caro nestas plagas, só não sei se tão caro como hoje. Por aqui temos muito a variedade “onde estás que não te vejo”, com a desculpa que, quanto menor o crustáceo, mais gosto tinha. Conversa pra ruminante dormir.

A onda da moda, hoje, é purê de mandioquinha e creme de moranga. Em casas mais prendadas, camarão na moranga. Também só encontrado antes do camarão chegar à idade adulta. Menor púbere, quase sempre. Não aguento mais comer purê de mandioquinha e tomar creme de moranga. Desconfio que há uma supersafra. A prima dela, a abóbora, deve ter sido toda consumida no Halloween daqui ou exportada para os Estados Unidos.

Por último, vem essa moda de botar flor na comida. Não sou abelha para comer flor. Aliás, o Sindicato das Abelhas deveria processar os humanos por roubar suas minas de matéria-prima, além de roubar seus depósitos de mel.

Longo alcance

São longos os tentáculos do polvo El Niño. Temporal com ventos de 105 km/h atingiu o Rio de Janeiro, causando duas mortes.